

PROBLEMAS E SOLUÇÕES: DA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS PARA A LÍNGUA DE SINAIS ESPANHOLA (aproximação teórica)¹

Báez Montero, Inmaculada C. & Fernández Soneira, Ana M^a

Universidade de Vigo

RESUMO

O facto de a actividade mediadora entre a comunicação oral e a gestual ter existido muito antes que a análise sistemática dos factores que incorrem em tal processo, explica a falta de conceptualização teórica sobre o processo de *interpretação* em línguas de sinais, apesar da pertinência destas investigações.

Para sair desta estagnação nos estudos de mediação entre línguas orais e línguas de sinais, partiremos dos estudos da teoria da tradução, como contexto da situação com a qual nos encontramos no momento de abordar o processo de interpretação de textos científicos, e teremos em conta a nossa própria experiência nessas tarefas. Recorremos aos estudos e metodologias disponíveis para as línguas orais, já que as especificidades da tradução e da interpretação entre línguas da mesma modalidade se diluem completamente, por isso a mediação deve desenvolver-se entre línguas de distinta modalidade.

O eixo temático.

Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais.

1. Introdução

O dicionário da Real Academia da Lengua Española² apresenta na primeira acepção ao vocábulo *traducir* (del lat. *traducĕre*, fazer passar de um lugar para outro) o significado de “expressar numa língua o que está escrito ou se expressou antes em outra”. Também significa “converter, mudar, trocar” e inclusive na terceira acepção assinala-o equivalente a “explicar, interpretar”. O termo *interpretar*, na sua segunda acepção, incide na passagem de uma língua a outra de forma oral “Traduzir de uma língua para outra, sobretudo quando se faz oralmente”.

No âmbito da linguística, também a tradicional delimitação do conceito de tradução³ proposto por Jakobson (1959), baseado nas teorias de Peirce, serve-se do termo *interpretação* para delimitar os tipos de tradução e marca:

¹ A aplicação deste estudo será apresentada de forma pormenorizada na sessão presencial do congresso.

² <www.drae.es>

³ Os estudos sobre o processo de *interpretação* todavia ainda estão numa fase menos avançada que os estudos sobre tradução devido a maiores dificuldades do seu desenvolvimento, segundo Shlesinger (2000: 13).

Distinguiremos tres maneras de interpretar un signo verbal: (1) traducirlo a otros signos de la misma lengua, (2) a otra lengua, (3) o a cualquier otro sistema no verbal de símbolos. Estos tres tipos de traducción pueden designarse de manera diferente: 1.- Traducción intralingüística o reformulación [rewording] es una interpretación de los signos verbales mediante otros signos de la misma lengua. 2. Traducción interlingüística o traducción propiamente dicha [translating proper] es una interpretación de signos verbales mediante cualquier otra lengua. 3.- Traducción intersemiótica o transmutación [transmutation] es una interpretación de signos verbales mediante signos de un sistema no verbal (Jakobson 1959: trad. español 1984: 68-69).

Para Gile (1995: 14-15) ainda que a *tradução* e a *interpretação* sejam comuns, já que são actividades mediadoras, apresentam especificidades próprias do ponto de vista comunicativo. Para este autor é específico da interpretação a) o carácter oral, b) os problemas derivados da sequência temporal do trabalho (em tempo real, no caso da interpretação simultânea, e quase real na interpretação consecutiva), c) a situação de comunicação que no caso da interpretação é imediata.

Ainda que não sejam poucos os autores que, como Harris (1981), Nord (1991), Padilla e Martín (1992), Muñoz (1995), assinalaram as diferenças entre ambas as actividades, Alonso Bacigalupe (2009) aponta que “traducir e interpretar son, a pesar de las importantes diferencias [...] básicamente una misma actividad con dos variantes (escrita y oral) y se pregunta la idoneidad de dos términos para una misma actividad profesional e incluso “¿por qué interpretación y no traducción oral? o bien ¿por qué traducción y no interpretación escrita?” (Alonso Bacigalupe, 2009: 184-185).

Do nosso ponto de vista, os planos sobre os quais se desenvolveram as distinções entre ambas disciplinas basearam-se, fundamentalmente, na transferência de actividade de maneira imediata ou não, e na transferência da informação da língua na sua versão oral ou escrita e não tiveram em conta a intermediação entre línguas de modalidade visual como são as línguas gestuais, nas quais a oralidade é um elemento paralingüístico e, portanto, seguindo a caracterização de Gile (1995), não poderiam ser submetidas ao processo de interpretação, ainda que qualquer actividade mediadora destas línguas com línguas orais tenha sido, pelo menos em espanhol, denominada por antonomásia interpretação como surge na LEI 27/2007⁴, onde se define o intérprete “profissional que interpreta e traduz a informação da língua gestual para a língua oral e escrita e vice-versa, com o fim de assegurar a comunicação entre as

⁴ LEI 27/2007 de 23 de Outubro, pela qual se reconhecem as línguas gestuais espanholas e se regulam os meios de apoio à comunicação oral das pessoas surdas, com incapacidade auditiva e surdo-cegas.

peças surdas, com incapacidade auditiva e surdo-cegas, que sejam usuárias desta língua, e do seu ambiente social”.

Também o nome do certificado que facilita a prática profissional é do *Ciclo superior de formação de intérpretes de língua de sinais*, assim como o da associação profissional que os reúne *Federação Espanhola de Intérpretes de Língua de sinais e Guias-Intérpretes*.

2. Método

Propusemo-nos editar textos científicos com o objectivo de traduzir / interpretar com fidelidade comunicativa e correcção expressiva textos de âmbito científico, até agora relacionados, principalmente, com a linguística, do espanhol, do galego e do inglês para a língua de sinais espanhola. Quisemos com isso contribuir para a difusão da ciência na língua de sinais, ampliar os registos de interpretação da LSE e contar com uma série de textos que nos permitem continuar a avançar no nosso conhecimento da LSE. Os textos editados até à data procedem de reuniões científicas celebradas na Universidade de Vigo.

O nosso conceito de tradução coincide com o de Sánchez Trigo (2001:30) quando assinala que a actividade de tradução é um “acto de comunicación, actividad de naturaleza intertextual, intercultural, intersubjetiva, creativa, inducida por alguien y dirigida a unos destinatarios que se ubican en un determinado contexto sociocultural, etc.”.

Neste trabalho, descreveremos a realidade do processo de tradução que seguimos nos nossos textos, não só do ponto de vista empírico, como também do ponto de vista prescritivo para poder estabelecer recomendações de melhoria da qualidade e produtividade de futuras traduções.

Em linhas gerais nas fases do processo de comunicação que seguimos em todas as traduções que apresentamos⁵, poderíamos diferenciar a) recepção e documentação, b) análise e transferência, c) síntese ou reestruturação e d) verificação e edição.

a) **Recepção e documentação.** Ao mesmo tempo que se iniciava a compreensão do texto desencadeava-se a fase de análise e documentação: o trabalho de tradução exige conhecer as fontes de documentação e os recursos disponíveis para adquirir a terminologia e os conhecimentos relevantes para cada texto concreto: emissor, situação comunicativa, etc. Nos casos em que contamos com o texto escrito facilitou-nos a fase de documentação.

⁵ Referimo-nos ao processo de interpretação e aos problemas da edição das *Actas do III Congreso Internacional de Lingüística Hispánica* celebrado na Universidade de Vigo de 18 a 20 de Outubro de 2007, da preparação de conferências de Televisão Universidade de Vigo para a plataforma ITUNES e do *Verbum Summer Scoohl of Linguistic (VSSOL)* que se celebrou em Julho do presente ano.

b) **Análise e transferência.** Depois de reconhecer as características dos textos científicos, escritos em inglês e em espanhol (maioritariamente) e colocarmos hipóteses de tradução que debatemos com os intérpretes e assessores linguísticos, optamos por uma tradução de ideias em detrimento de uma tradução literal. Além disso, os processos de tradução foram diferentes para cada texto, por exemplo as conferências plenárias⁶ são a tradução de uma gravação da conferência na sala em língua oral para a língua de sinais e legendadas. Os resumos de comunicações⁷ foram traduzidos para a língua de sinais espanhola a partir do texto escrito original, adaptados e com apoio visual em língua escrita.

Evidentemente, ainda que os textos científicos apresentem dificuldades de conteúdo importantes, são textos expositivos com grande precisão semântica e elevado grau de equivalência entre ambas as línguas pelo que na maior parte dos casos foi possível traduzir os enunciados da língua oral com estruturas equivalentes na língua gestual. Nos casos em que não era possível, recorreremos a técnicas ou estratégias de tradução⁸ encaminhadas para a resolução de dificuldades pontuais como as que traça Vázquez Ayora (1977: 334)⁹ seguindo os procedimentos estabelecidos por Vinae e Dalbernet (1977: 52-53 [1958]¹⁰, Tricás (1995)¹¹ ou Newmark (1988).

Pela frequência de uso nos nossos textos destacamos, em primeiro lugar, técnicas de tradução partilhadas com as línguas orais:

1.- A **adaptação** ou tradução **livre**. Como se pode ver no exemplo do vídeo¹², o tradutor substitui uma realidade cultural ou social no texto original com a correspondente realidade no texto meta. A nova realidade é mais comum para o público do texto meta. Por exemplo, o termo “neurociência cognitiva” é apresentado na LSE como: CABEÇA FUNCIONAMENTO COMO.

⁶ Ángel López (*El origen del lenguaje entre la genética y la física*), Enrique del Teso (*Gramática, proposiciones e índices. Cómo se hacen pensamientos completos con las palabras*), e Alejandro Oviedo, (*La incorporación de los gestos y la iconicidad al análisis de las lenguas de señas (un breve repaso a la historia de la lingüística de las lenguas visuales de los sordos)*).

⁷ Estas foram apresentadas por jovens linguistas, participantes no *III Congreso Internacional de Lingüística Hispánica*, Vigo, outubro de 2007.

⁸ Hurtado 1999: 36 diferenças *técnicas* (relacionadas com o resultado concreto) frente a *estratégias* (orientadas para a procura de soluções tradutoras).

⁹ Ampliação, explicitação, omissão e compensação.

¹⁰ Na tradução directa distingue: a) empréstimo, b) cópia e c) tradução literal e na tradução oblíqua a) transposição, b) modulação, c) equivalência e d) adaptação.

¹¹ Reduz os procedimentos a dois: transposições e modulações.

¹² Os exemplos incluídos nestes campos procedem do DVD Álvarez Sánchez et al. (2010): *Lingüística e Hispanismo. Actas del III Congreso Internacional de Lingüística Hispánica*.

2.- Apelidamos de **cópias lexicais** as traduções resultantes da formação de neologismos segundo a estrutura da língua oral ou da língua gestual. Todos os surdos se referem à expressão “palavras-chave” com uma expressão própria da LSE: PALAVRA IMPORTANTE.

3.- O uso das **perífrases**, também denominadas modulações, é uma das técnicas mais utilizada na interpretação tanto de línguas orais como de línguas visuais. Consiste na tradução de uma palavra por uma frase explicativa (*ampliação: uma palavra da língua oral passa a ser traduzida por várias da LSE*) ou então uma *explicitação* na língua de sinais do implícito na língua oral. Por exemplo, num trabalho sobre o vocabulário cigano, o surdo expressa o termo “caló” mediante dactilologia e, seguidamente, explica-o PRÓPRIO SEU FALAR CIGANO (a explicação não está no texto original).

Em alguns casos temos omitido termos que na língua de sinais eram desnecessários ainda que estejam explícitos na língua oral.

4.- Ainda que inicialmente não pareça um bom recurso, em alguns casos servimo-nos da **tradução literal** (Vinae e Dalbernet, 1977 consideram-na legítima sobretudo entre línguas que partilham uma mesma cultura); é especialmente útil para traduções da língua espanhola para a língua de sinais espanhola, porque, ainda que com identidades distintas, partilham muitos pontos de uma mesma cultura. No exemplo já mencionado da expressão “palavras-chave” a tradução literal leva-nos a traduzi-lo num primeiro momento pela expressão PALAVRA-CHAVE.

As estratégias mais específicas das línguas visuais consistem na exploração das características diferenciadoras destas línguas como a iconicidade ou o uso dos classificadores ou a dactilologia que em menor número também encontramos nas línguas orais. No entanto, a sua presença nas interpretações das línguas gestuais não deixa de ser um recurso morfológico próprio da língua.

1.- A **dactilologia** temo-la utilizado preferencialmente com os nomes próprios tanto topónimos como antropónimos. São claros exemplos de **empréstimos em LSE** que no nosso caso consistiram fundamentalmente na mudança de sistema oral para escrito servindo-nos das mãos para soletrar a palavra ou expressão do texto original. Na legenda utilizamos o itálico. Em alguns casos a dactilologia empregou-se para expressar conceitos muito específicos que não contam como um gesto na LSE ou conceitos próprios da língua oral como, por exemplo, os prefixos. Num dos trabalhos faz-se alusão ao “vocabulário semi-técnico” e o intérprete expressa-o dactilologando o prefixo S-E-M-I e, posteriormente, o termo TÉCNICO.

2.- As perguntas retóricas. É um recurso próprio das línguas de sinais. O surdo divide a informação, perguntando-se a si mesmo por um lado do discurso para focalizar a atenção num

segmento da informação. Por exemplo o enunciado: toda a classificação verbal organiza-se em função do significado básico que partilham uma serie de verbos? É interpretado da seguinte forma:

CLASE_[N:REP] VERBO ORGANIZAR COMO^{pr-ret} DEPENDE DENTRO SERIE_[N:REP] VERBO
SIGNIFICADO_[N:REP] IGUAL

3.- A iconicidade. A construção de estruturas discursivas (referências actanciais e espaciais, por exemplo) através de estruturas icónicas, ou seja, aquelas que permitem estabelecer semelhanças entre os gestos e seus referentes ajudam à construção do significado, sobretudo em contextos que apresentam uma certa dificuldade interpretativa. Um exemplo do uso da iconicidade encontra-se num vídeo no qual a intérprete expressa a seguinte estrutura: “Expressões idiomáticas em espanhol e romano: ponte conceptual entre as duas culturas” da seguinte forma:

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA ESPANHOL ROMANO UNIÃO-CONCEPTUAL_[LOC X] CULTURA_[LOC Y]
CULTURA_[LOC Z].

A intérprete usa o gesto UNIÃO mas não na sua localização habitual (à altura do peito) mas à altura da cabeça para transmitir, iconicamente, que se trata de uma relação de nível conceptual sem criar um gesto para expressar.

4.- Os classificadores. Trata-se de um recurso próprio e característico das línguas gestuais. Ainda que se costume usar mais no discurso informal que no formal, em certas ocasiões os intérpretes recorrem a eles para facilitar a compreensão de alguns conteúdos específicos.

c) **Síntese** ou **reestruturação**. O intérprete deve tomar decisões aos níveis da palavra (gesto), da construção, do texto e do contexto. No processo interpretativo já não só entra em jogo o vocabulário, as construções, etc., senão o facto de que no texto origem o falante (surdo) elege um vocabulário particular, umas marcas discursivas, umas pausas, baseadas na sua percepção da audiência que acompanham os seus objectivos comunicativos (Janzen 2005: 91). O intérprete deve ter em conta tanto o remetente da mensagem, como o destinatário da mesma. Para além do mais há que ter em consideração o registo do texto, o género, o estilo linguístico, as referências culturais, o contexto discursivo, o contexto pragmático, etc.

d) **Verificação** e **edição**. Não nos deteremos neste ponto porque o processo de edição e verificação dos trabalhos mencionados foi descrita nas comunicações Báez e Fernández (2008) “La edición e traducción en la língua de signos española como herramienta de normalización” e Báez e Fernández (2009) “La traducción a la língua de signos de las línguas de especialidad. La interpretación de textos científicos a la LSE”.

3. Resultados e conclusões

As mediações que temos realizado nos textos científicos das línguas orais (galego, espanhol e inglês) na sua versão oral e escrita tiveram como objectivos em primeiro lugar sortear a futilidade das comunicações orais e melhorar as expectativas de qualidade das interpretações simultâneas, que não se podem rever nem reorientar, sem renunciar ao conceito *tradutológico* de *equivalência* substituído pelo de *fidelidade* ou inclusive *coerência textual* das que falam (Pöchhacker e Shlesinger, 2002: 4). Para além disso temos pretendido ampliar o número de receptores fazendo com que os textos permaneçam pelo meio de registo em DVD e na rede.

Não são portanto uma actividade de interpretação nem de tradução em sentido tradicional, porque a situação comunicativa do texto original e a das nossas traduções é similar. Os nossos textos são dirigidos ao mesmo tipo de receptores, porque, ainda que os textos não se tenham produzido de forma imediata, a gravação audiovisual recolhe o *feedback* do público.

A função comunicativa dos textos traduzidos para a língua de sinais espanhola é idêntica à dos textos originais, no caso das conferências plenárias, mas não o é no caso da tradução dos textos escritos, nos quais a produção é mais distante da original. Nestes procura-se uma maior aproximação ao receptor surdo (língua escrita oral > língua de sinais não escrita) através das palavras-chave, reelaboração de textos, edição bilingue, etc.

A compreensão dos textos originais (orais) por parte do intérprete não é imediata senão a projecção de diferentes hipóteses de interpretação, reformulações de tradução, etc. Quer dizer, os recursos comunicativos utilizados aproxima-nos a uma actividade de comunicação mais estática e elaborada (elipse, metáforas, etc.) e, portanto, mais próxima à tradução que à interpretação.

As nossas traduções (nem as conferências nem os textos escritos traduzidos para LSE) não são resultado de uma actividade comunicativa imediata, exigiram um rigoroso trabalho de documentação e consulta que o aproxima mais às técnicas de tradução que à interpretação em sentido coloquial. Também não tivemos que sortear as restrições temporais que constituem o factor diferenciador da interpretação frente à tradução.

Interpretar textos científicos e académicos em língua de sinais é um trabalho de conjunto que não reside somente na edição, gravação, interpretação, senão que, para além de investigar, fazer normalização sociolinguística, normalização educativa, normatizar, alfabetizar, ensinar, também permite dignificar línguas, dignificar comunidades linguísticas e, portanto, dignificar indivíduos.

Referências bibliográficas

- ALONSO BACIGALUPE, L. (2009): *El procesamiento de la información durante la IS: un modelo en tres niveles*, Granada: Atrio.
- ÁLVAREZ SÁNCHEZ, P, BÁEZ MONTERO, I. C. & FERNÁNDEZ SONEIRA, A. (eds.) (2010): *Lingüística e Hispanismo / Actas del III Congreso Internacional de Lingüística Hispánica: Jóvenes Investigadores en Lenguas y en Lingüística* (edición en lengua de signos española), Lugo: Axac.
- BÁEZ MONTERO, I. C. & FERNÁNDEZ SONEIR, ANA M^a (2008): “A edición e tradución na LSE como ferramenta de normalización”, comunicación presentada en el II Congreso Internacional *Traducción e Políticas editoriais*, Vigo 15–17 de octubre de 2008.
- BÁEZ MONTERO, I. C. & FERNÁNDEZ SONEIR, ANA M^a (2009): “La traducción a la lengua de signos de las lenguas de especialidad. La interpretación de textos científicos a la LSE”, comunicación presentada en el III Congreso Nacional de lengua de signos española, Madrid, 16-18 de septiembre de 2009.
- GILE, D. (1995): *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*, Amsterdam: John Benjamins.
- HARRIS, B. (1981): “Prolegomenon to a Study of the Differences between Teaching Translation and Teaching Interpreting”. En DELISLE, J. (ed.): *L'Enseignement de l'interprétation et de la traduction: de la théorie à la pédagogie*, Ottawa: Editions de l'Université de Ottawa, pp. 153-162.
- HURTADO ALBIR, A. (1999): *Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e intérpretes*, Madrid: Edelsa.
- JAKOBSON, R. (1984) [1959]: *Ensayos de lingüística general*, Barcelona: Ariel.
- JANZEN, T. (2005): “Interpretation and language use”. In JANZEN, T. (ed.): *Topics in Signed Language Interpreting Theory and Practice*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 69-105.
- MUÑOZ MARTÍN, R. (1995): *Lingüística para traducir*, Barcelona: Anthropos.
- NEWMARK, P (1987): *A Textbook of Translation*, New York: Prentice Hall.
- NORD, C. (1991): *Text Analysis in Translation*, Amsterdam/Atlanta: Rodopi B. V.
- PADILLA, P & MARTÍN, A. (1992): “Similarities and Differences Between Interpreting and Translation: Implications for Teaching”. En DOLLERUP, C. & LODDEGAARD, A. (eds.): *Teaching Translation and Interpreting: Training, Talent and Experience*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 195-203.
- PÖCHHACKER, F & SHLESINGER, M (2002): *The Interpreting Studies Reader*, Londres: Routledge.
- SÁNCHEZ TRIGO, E. (2002): *Teoría de la traducción: convergencias y divergencias*, Vigo: Universidad de Vigo.
- SHLESINGER, M. (2000): “Interpreting as a Cognitive Process: How can we know what really happens”. En TIRKKONEN-COONDT, S. & JÄÄSKELÄINEN, R. (eds.): *Tapping and Mapping the Processes of Translation and Interpreting*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 3-16.
- TRICÁS I PRECKLER, M. (1995): *Manual de traducción francés-castellano*, Barcelona: Gedisa.

VÁZQUEZ AYORA, G. (1977): *Introducción a la traductología: curso básico de traducción*, Washington: Georgetown University Press.

VINAY, J. P.& DALBERNET, J. (1977) [1958]: *Stylistique comparée du française et de l'anglais*, Paris: Didier.